



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

EVOLUÇÃO: O OLHAR SOBRE O FEMININO

Daniela Pereira da Silva

Kátia Farias Antero

Fundação de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão – FURNE / Faculdade do Norte do Paraná -
FACNORTE

professorakatiaantero@hotmail.com

Resumo: No decorrer do tempo, aconteceram mudanças no meio social e concomitantemente as mulheres acompanharam as evoluções decorrentes de cada período. Levando em consideração a relevância do mundo feminino na sociedade, realizamos esse trabalho tendo como objetivo investigar as sensibilidades femininas de mulheres em idade adulta da década de 90, que vivenciaram o trânsito entre o público e o privado da cidade de Queimadas que fica no estado da Paraíba. Fizemos análises e reflexões acerca de como estas se relacionaram com as transformações que ocorreram na sua saída do lar para o mercado de trabalho, investigando as relações interpessoais com seus cônjuges e filhos. E nestas experiências vivenciadas por estas mulheres as sensibilidades as acompanham sendo estas: o medo, a alegria, a satisfação ou a angústia, todos estes sentimentos percebidos e analisados através das entrevistas cedidas por três mulheres que contam suas experiências e vivências. Se por um lado a mulher amplia suas conquistas e evolui saindo do lar, do privado para inserirem-se no mercado de trabalho, junto a essa evolução, o público acompanha algumas consequências como o fato de as mulheres assumirem mais responsabilidades além das tarefas domésticas as quais já se encarregavam. Nos anos 90 os companheiros, na maioria das vezes, não colaboravam com as tarefas domésticas e essas também não eram vistas como um trabalho que pudesse ser remunerado. Por outro elas querem esta independência, ter seu próprio sustento, investir nas suas profissões e nos estudos.

Palavras-Chave: Feminino, sensibilidades, público, privado.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTRODUÇÃO

Em meio a inquietações vivenciadas no cotidiano, com relação aos papéis assumidos pelas mulheres, como: trabalhar fora de casa? deixar filhos? ter filhos? trabalhar período integral? família ou ascensão profissional? É possível conciliar público e privado? surgiu o interesse na elaboração deste artigo. Quantas mulheres não realizam estas perguntas? Quantas não passam por estas inquietações? Tentar responder a estas questões, ou ao menos discuti-las foi a motivação para tal trabalho.

Uma das principais mudanças que percebemos na contemporaneidade é o lugar ou lugares que a mulher ocupa neste contexto de busca pela liberdade, igualdade entre os sexos e heterogeneidade. Ela conquista novos espaços e não é diferente no âmbito do casamento e da família onde assume novos papéis não só como mãe-esposa-dona-de-casa, hoje a mulher está não só no privado, mas também no público.

Responsabiliza-se pela sua família e pela vida profissional, ela ocupa vários espaços e atividades. Ela agora tenta conciliar casa-trabalho-família, e é neste trânsito de experiências que tentaremos buscar suas sensibilidades, analisando os depoimentos de três entrevistadas que contaram suas experiências, através do diálogo com alguns estudiosos do tema.

Para realização deste artigo faremos o diálogo entre depoimentos de mulheres em idade adulta da década de 90, que vivenciaram o trânsito entre o público e o privado da cidade de Queimadas que fica no estado da Paraíba, e alguns estudiosos que trabalham esta temática, do trânsito feminino entre o público e o privado. Nossas entrevistadas são todas casadas, com filhos e trabalham tanto fora de casa como no lar: uma delas, Carmelita Lúcia da Silva (entrevistada 01), nasceu em 03/09/1961, casada a 34 anos e 5 filhos; Maria de Fátima Alves da Silva(entrevistada 02), conhecida como Nina nasceu 10/10/1950, casada a 45 anos e 6 filhos e a terceira que adotaremos o codinome Atenas(entrevistada 03), 48 anos, casada e 1 filho. As entrevistas foram realizadas nas casas das mesmas, com um aparelho celular e redigidas posteriormente.

Os autores aqui selecionados são: Gilles Lipovetsky, Michelle Perrot, Margareth Rago, Bila Sorj entre outros especificados na referência ao final do trabalho. Todos realizam análises acerca da passagem da mulher do público para o privado, saída do lar para o mercado de trabalho.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Metodologia

“*Ai, meu Deus, que saudade da Amélia. Aquilo sim é que era mulher*”¹, música muito conhecida e cantada por alguns que, veem as transformações ocorridas na nossa contemporaneidade com o feminino, como um obstáculo a “normalidade” até então vigente. Inquietações, desejos, aspirações, decepções e realizações norteiam o momento contemporâneo das mulheres, as quais almejam o abandono deste papel “privado” da Amélia e sua introdução e permanência no “público”, no mercado de trabalho. Começamos a observar a presença de imagens, palavras e lutas femininas nas sociedades contemporâneas, como é colocado por Michelle Perrot em livro intitulado “Mulheres Públicas”. Esfera antes apenas reservada ao masculino, o mercado de trabalho, a política e outras são agora lugar do feminino da “mulher pública”, expressão esta vista e interpretada de várias formas ao decorrer da história.

Numa busca de materialização destas sensibilidades femininas recorreremos a depoimentos de mulheres adultas, vivenciando este momento de transformações. Foram três entrevistadas, que nos ajudaram muito, a analisar o que aqui propomos. Uma delas, Carmelita Lúcia da Silva, relata um pouco sobre a educação recebida na década de 70, vejamos:

Eu nasci no sítio né? Éramos uma família de dez filhos meu pai morreu muito jovem e minha mãe foi quem nos educou, era uma educação muita rígida...Na minha época a educação da mulher era rígida assim, não podia fazer o que faz hoje, no caso NE? Não podia sair sozinha tinha que ser acompanhada, com a mãe NE? Só namorava depois dos dezessete anos, só trazia namorado pra casa com dezoito anos, meus irmãos já podiam sair sozinhos ter mais liberdade. (Entrevistada 01) ²

Desigualdade de gênero perceptível nestas palavras, partindo de casa, da educação dada pelos pais rigorosamente. Não tendo o apoio necessário na vida privada, partir para o público torna-se mais problemático, segundo Sorj há visões menos e mais pessimistas quanto à igualdade de gênero alcançar a esfera privada. Atenas, que foi casada por duas vezes e o primeiro marido com quem passou 04 anos tentou de tudo para fazer com que ela desistisse de seus estudos mulher determinada e decidida não se deixou abater pela atitude do atual marido e continuo nos seus estudos, vejamos o que ela nos relata:

¹ *Ai Que Saudade da Amélia* (Ataulfo Alves/Mario Lago) foi gravada por Ataulfo no dia 27.11.41. Ele tinha oferecido a música em vão a vários cantores, inclusive a Orlando Silva. Como ninguém queria gravá-la, gravou-a ele mesmo na Odeon. Foi lançado no suplemento de Janeiro de 1942.

² Entrevista cedida no dia 28 de setembro de 2011.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“Ele não queria que eu estudasse, no primeiro momento que eu passei no vestibular ele rasgou todo o meu material de estudo, fez tudo pra impedir o meu progresso, mas eu sou muito determinada na vida e batalhei e venci, terminei meus estudos minha faculdade, logo em seguida fiz pós-graduação e hoje estou na direção de uma escola e com todos os meus objetivos realizados... Ele não era agressivo não, sabe ele só era muito ciumento aí quando eu comecei a estudar que ele tinha outras mulheres fora ele não queria que eu saísse de casa pra não saber dos relacionamentos dele tentou impedir que eu estudasse, principalmente á noite pra eu não ficar sabendo. Cheguei do trabalho fim de tarde aí todo meu material da escola tudo rasgado eu entrei em pânico, mas mesmo assim eu não vou deixar que era isso que ele queria, cheguei na Universidade contei pras minhas amigas e conversei até com minha professora não esqueço nunca dessa professora, aí ela disse não cruze os braços ..., não cruze aí as meninas me emprestaram novamente o material, num fim de semana fui pra casa da minha mãe refiz tudo,tudo, tudo eu fui dar continuidade aos meus estudos e depois de quadro anos eu vi que não valia apenas ele sempre procurando outras pessoas fora aí chegou o momento que eu mandei ele se decidi aí ele optou e decisão dele foi me deixar, mas assim hoje eu não me arrependo não de nada que eu fiz, se eu tivesse com ele eu não tinha nada do que eu tenho hoje e nem quem eu sou, eu não tinha conseguido estudar, hoje eu era uma doméstica” (Entrevistada 03)³

Atenas ainda nos expõe o não desejo de ser uma “doméstica”, ou seja, para esta mulher a vida no lar não está e nunca esteve nos seus planos tendo que lutar estudar e vencer na vida profissional como foi visto. As mulheres estão conquistando seu lugar no mercado de trabalho, mas a responsabilidade com os filhos, por exemplo, não diminui, isto é verificado na análise⁴ realizada por Sorj, e vivenciada por duas de nossas entrevistadas, vejamos:

Em 86, e era uma tarefa muito difícil pra mim enquanto mãe deixa o filho em casa, muitas vezes com pessoas estranhas pra ir trabalhar e diversas vezes eu levava ele comigo pra deixar na casa da minha mãe, mas mesmo assim consegui vencer e hoje ele tem 23 anos. (03)

Pronto eu tinha vontade de trabalhar ter um pouquinho de independência, um pouco de independência queria ter meu dinheiro por que o que ele ganhava era só para o suficiente só dava pra cuidar dos gastos da casa cuidar das crianças, mas ao mesmo tempo eu não queria deixar meus filhos pequenos sozinhos em São Paulo eu tinha medo de deixar então eu preferi ficar com eles criei aí só depois que minha filha mais velha ficou com 12, 13 anos foi que eu comecei a trabalhar...(01)

A ideia das mulheres sobre a divisão sexual das responsabilidades familiares aponta simultaneamente para a presença de valores de igualdade e valores que admitem a divisão tradicional de papéis sexuais. Valores de igualdade quando defendem que a mulher deve desenvolver uma

³ Entrevista cedida dia 30 de setembro de 2011.

⁴ Bila Soj analisa dados adquiridos por pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

atividade profissional, tendo que reajustar a intensidade de sua participação na esfera doméstica, mas por outro lado a defesa corre contrária a esses pedidos de igualdade de gênero na esfera privada, quando permanecem com a ideia de que quem deve cuidar dos filhos menores são as mulheres.

Visão diferenciada encontramos em Rago, quando esta diz que a maioria das mulheres considera de fundamental importância a inserção no mercado de trabalho, a independência econômica, a possibilidade de tomar decisões e agir livremente, dissociando, pois, sua definição de gênero da ideia de maternidade.

O que é certo dentre os resultados das mudanças que vem ocorrendo é o que Rago coloca como a feminização da cultura, ou seja, as mulheres não entraram apenas no ramo da cultura, dos negócios e da política, mas também conquistaram o direito à vida e tem continuamente feminilizado as próprias formas da existência social, a partir de suas práticas e de seus olhares diferenciados, trazendo as possibilidades da construção de um novo mundo, o qual uma grande quantidade de mulheres, nas diferentes classes sociais que constituem a sociedade brasileira, tornou-se chefe de família porque os maridos, companheiros e amantes abandonaram, não conseguindo se ressituar e interagir na nova ordem familiar descentralizada e des-hierarquizada.

Alessandra Chacham e Mônica Maia lembram que este comportamento masculino é visto como herança patriarcal do Brasil colônia, onde todo poder emanava no patriarca, que organizava a ordem social em uma região geograficamente imensa, sem aparato coercitivo e dependente de trabalho escravo. Segundo Maria de Fátima Araújo as mudanças provocadas pelo feminismo desestabilizaram o modelo masculino tradicional e colocou a necessidade de sua revisão, a discussão sobre a questão masculina retoma caminhos semelhantes aos percorridos pelo feminismo. Permeia entre os determinismos biológicos e sociais e questiona a ideia de uma masculinidade universal. Assim como o comportamento feminino o masculino vem sendo modificado também, nessa trajetória reflexiva os homens estão tomando consciência das tensões e conflitos impostos pelo machismo e descobrindo a possibilidade de se livrar dos grilhões estereotipados, reconhecerem as suas reais necessidades afetivas e buscar meios de satisfazê-las sem se sentirem menos “machos” por isso. E assim podem descobrir o prazer de se relacionar de outra forma, em que a abertura para a intimidade, a troca afetiva e o contato com os sentimentos são experiências valorizadas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O que já o é há muito pelas mulheres, romântica uma de nossas entrevistadas Maria de Fátima Alves da Silva, conhecida como Nina nos faz um relato minucioso de datas e até horas e minutos do início de namoro com seu atual marido, vejamos:

Nós começamos a namorar no dia 27 de julho de 1966 às 06 horas da noite (risadas) namoramos durante 06 anos durante 6 anos nunca noivei, porque eu nunca deixei ele me pedir em casamento, eu achava que todo mundo gostava aceitava nosso namoro porque ele pedir? Aí nosso noivado eu nunca quis e outra coisa eu fiz uma surpresa pra todo mundo da minha família ninguém sabia que eu ia mim casa ai quando foi no dia primeiro de fevereiro pela manhã eu casei no civil De 1970, ai isso era num domingo ai quando foi á tarde eu casei na Igreja eu sai de casa fui à Igreja com uma amiga que estava na hora, antes disso eu tive uma surpresa muito grande, que um irmão meu que ele era artista, era bailarino e tava com a companhia dele em Fortaleza, nesse dia ele veio me buscar, pra seguir ele, aí eu foi quem tive a maior surpresa quando eu soube que ele tinha chegado eu estava na casa da minha amiga, aí me avisaram aí eu vim em casa e essa mesma amiga foi atrás de mim que já estava na hora de casa que era de 4 horas da tarde dum domingo. Aí nós fomos pra Igreja, aí minha vó que estava lá correu veio em casa e avisar que eu estava me casando. De surpresa, ninguém sabia de nada e antes pra minha mãe assinar, o rapaz do cartório era muito meu amigo deixou eu trazer o livro pra casa, pa assinar eu dizia que era do Colégio Dona Dulce Barbosa que eu estudava lá ela tinha que assinar e ela inocentemente assinou, não foi esperta. Pronto aí quando minha vó chegou disse a todo mundo que tava me casando aí ficou todo mundo surpreso...(Entrevistada 02)⁵

Uma mulher com atitudes diferenciadas das colocadas como normal para a sociedade, pois o fato de não avisar a família e enganar a mãe para assinar o documento que permitia o casamento, foi algo que deve ter chocado muita gente na época, mas ela preferiu não falar.

Maria de Fátima fala que sempre foi ajudada nas tarefas domésticas por sua mãe e uma ajudante de casa, ela nunca ficou sozinha e o marido, seguindo o modelo tradicional dos papéis, sempre trabalhando fora de casa para garantir o sustento da casa. Passou a trabalhar fora de casa, em 1984 até 2003, vejamos o que diz quando indagada se gostava de trabalhar fora de casa e quanto a sua participação nas despesas da casa:

Gostava porque, eu tinha meu dinheiro, pra fazer minhas coisas e ele meu marido não é uma pessoa assim de ficar no meu pé controlando se eu recebi quanto se eu deixava de receber, nunca perguntou quanto eu ganhei ou quanto eu ganho, até hoje a mesma coisa. (02)

⁵ Entrevista cedida dia 29 de setembro de 2011.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Diferentemente de outras mulheres Maria de Fátima não passou a contribuir com as despesas da casa, pois seu marido continuou sendo o único provedor. Ela parou de trabalhar fora de casa em 2003, vejamos por que:

Eu parei, eu trabalhei até 2003, o ano todinho, aí no começo de 2004 eu adoeci, eu tava com câncer, aí eu em vez de procurar me ajudar, eu fui me entregando a doença aí depois veio a depressão com depois surgiu a endrocefalia e eu passei mais de 06 meses em cima de uma cama nem sabia que existia a tal da endrocefalia o que matou foi a endrocefalia não foi nem o câncer, mas graças a Deus eu estou curada, hoje eu tenho diabate, tenho labirintite eu tenho pressão alta é tudo eu tenho(risadas). Graças a Deus. (02)

O que dizer de uma mulher com esta experiência de vida? Que apesar de tudo, o câncer, a hidrocefalia, a depressão e hoje rir de tudo que passou e dar Graças à Deus por estar viva apesar de ter algumas doenças como diabete, labirintite e outras. Coragem e amor pela vida, romantismo e força de vontade todos estes adjetivos atribuo a esta mulher, que tem uma marca especial o carinho pelo seu marido, percebamos:

AH era amoroso, era ainda hoje é depois destes anos todinho, já fazem 42 anos que nós somos casados e é a mesma coisa, agora só porque o dia a dia exige muito, os anos é nós somos muito amigo, temos as nossas inrrusgas todo casal tem...(02)

Indaga do que viria a ser irnrrusgas, ela nos explica que são probleminhas do dia a dia, como coisas que ele faz que ela não goste, mas não soube dar exemplo de nenhuma destas coisas que ele faz que ela não gosta. É realmente um sentimento lindo que percebi por parte de Maria de Fátima com relação a seu companheiro.

São várias experiências e sensibilidades para cada momento vivenciado por estas mulheres, que embora não falem pelo todo espelham um grande número de mulheres que passam pelas mesmas situações no trânsito entre o público e o privado e que têm dúvidas e certezas a respeito das mudanças que ocorreram e das que ainda se realizarão. Isto se daria mais rápido se as ações do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres do Governo Federal realmente se efetivassem, dentre suas ações e objetivos destacamos:

8. o reconhecimento da responsabilidade do Estado na implementação de políticas que incidam na divisão social e sexual do trabalho;
9. a construção social de valores, por meio



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

da Educação, que enfatizem a importância do trabalho historicamente realizado pelas mulheres, além da necessidade de viabilizar novas formas para sua efetivação;

Com este auxílio começaríamos as transformações desde a Educação viabilizando outros objetivos visados pelas ações do Plano que conta com 4 linhas de atuação, dentre elas destacamos aqui a linha **Autonomia e igualdade no mundo do trabalho e cidadania** tendo como alguns dos objetivos:

1. promover a autonomia econômica e financeira das mulheres;
2. promover a equidade de gênero, raça e etnia nas relações de trabalho;
3. promover políticas de ações afirmativas que reafirmem a condição das mulheres como sujeitos sociais e políticos (PNPM, 2005)

Dentre as prioridades destas ações está a ampliação do acesso das mulheres ao mercado de trabalho; promover a autonomia econômica e financeira das mulheres por meio do apoio ao empreendedorismo, associativismo, cooperativismo e comércio; promover relações de trabalho não-discriminatórias, com equidade salarial e de acesso a cargos de direção e garantir o cumprimento da legislação no âmbito do trabalho doméstico e estimular a divisão das tarefas domésticas. Este último nos chama atenção, visto que é um dos que mais sofre resistência por parte, como já mencionamos, dos homens que não veem importância para eles.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos com este trabalho que as transformações ocorridas com as mulheres na sua saída do lar para entrada no mercado de trabalho transitam por várias sensibilidades. As mulheres assumiram um lugar fora de casa, no espaço público antes reservado apenas ao homem e colocava a mulher num lugar de inferioridade limitada apenas ao privado, no século XIX com as transformações sociais e movimentos feministas observamos esse quadro modificar-se.

Mas o fato de assumir novas responsabilidades fora do lar, do ambiente doméstico, privado não implica numa diminuição das tarefas domésticas, pois o trabalho realizado fora de casa soma-se ao já realizado com as tarefas domésticas e ao cuidado com os filhos. Ocupando o mercado de trabalho, espaço público, esta mulher da contemporaneidade é cada vez mais pública e este termo “mulher pública” ressaltado por Rago nem sempre foi bem visto pela sociedade, visto que ele estava ligado a mulheres da rua, dos bares, dos espaços reservados apenas para os homens. Mas estes espaços e suas fronteiras a partir do século XIX já começam a passar por transformações, como Perrot coloca que a partir deste momento começam a surgir na sociedade e no imaginário cada vez mais imagens de mulheres que antes eram reprimidas e escondidas, palavras de mulheres que antes eram silenciadas por uma cultura dominada pelo masculino que aos poucos vão ganhando espaço e ouvidos de outras mulheres e dos homens.

Enfim, o universo feminino passou por transformações e ainda aconteceram várias, pois vemos cada vez mais esta mulher no espaço público, em lugares antes masculinizados e profissões vistas como impróprias para as mulheres. As mulheres passam por felicidades, tristezas, angústias, medos, certezas, dúvidas, ou seja, sensibilidades que perpassam todos estes momentos históricos no universo feminino em busca de seu lugar nos espaços públicos e vemos como um fator ajudante as Políticas Públicas para as Mulheres, viabilizando ainda mais estas transformações seja no público ou no privado. Embora muitas destas ações estejam apenas muito bonitas no papel os subsídios que o Estado designa para que elas venham a acontecer é muito diferente. Não pretendemos aqui entrar a fundo neste assunto, mas estas mudanças com a mulher e seus novos papéis frente ao mercado de trabalho seriam bem mais rápidas e gratificantes se ela estivesse apoiada realmente pelas políticas públicas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. F. Diferença e Igualdade nas relações de Gênero: Revisitando o debate. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v.17, n.2, Rio de Janeiro, março. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 16 Ago. 2011.

CHACHAM, Alessandra Sampaio e MAIA, Mônica Bara. Corpo e Sexualidade da mulher brasileira. In: VENTURI, G.; e RECAMAN, M.; OLIVEIRA, S. (Org.). *A mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado*. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

LOPOVETTSKY, Gilles. *A terceira mulher permanências e revolução do feminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MULHERES, Plano. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres do Governo Federal. Brasília, DF, Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, 2005

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou Carta de Alforria. In: VENTURI, G.; e RECAMAN, M.; OLIVEIRA, S. (Org.). *A mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado*. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SORJ, Bila. Trabalho Remunerado e trabalho não-remunerado. In: VENTURI, G.; e RECAMAN, M.; OLIVEIRA, S. (Org.). *A mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado*. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.